

FOLHA #

Avaliação Sumativa

Domingos Fernandes

(Universidade de Lisboa | Instituto de Educação)

PROJETO DE
MONITORIZAÇÃO
ACOMPANHAMENTO
E INVESTIGAÇÃO
EM AVALIAÇÃO
PEDAGÓGICA





FOLHA

Avaliação Sumativa

Domingos Fernandes

(Universidade de Lisboa | Instituto de Educação)



Índice

Índice	2
Sobre a Avaliação Sumativa	3
Práticas de Avaliação Sumativa	5
TAREFAS.....	7
Tarefa 2.....	8
Tarefa 3.....	9
Tarefa 4.....	10
Referências Bibliográficas	11



Sobre a Avaliação Sumativa

Tal como a avaliação formativa, a avaliação sumativa também pode ter um papel muito relevante no processo de aprendizagem dos alunos. Porém, estas duas modalidades de avaliação pedagógica, ainda que devam ser consideradas complementares uma da outra, são, por natureza, diferentes. A avaliação sumativa permite-nos elaborar um balanço, ou um ponto de situação, acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer no final de uma unidade didática ou após ter decorrido um certo período de tempo. Neste sentido, a avaliação sumativa é pontual, porque ocorre em certos momentos mais ou menos pré determinados, enquanto a avaliação formativa é tendencialmente contínua.

A avaliação sumativa não acompanha de forma sistemática o dia a dia do ensino e das aprendizagens tal como acontece com a avaliação formativa. Na verdade, a avaliação sumativa ocorre normalmente *após* os processos de ensino e aprendizagem e não *durante* esses processos, como acontece com a avaliação formativa. Isto significa que um dos propósitos da avaliação sumativa é recolher informação no sentido de formular um juízo acerca do que os alunos aprenderam, atribuindo-lhes, ou não, uma classificação. Dito de outra forma, a avaliação sumativa permite recolher, de forma pensada e deliberada, informações consideradas indispensáveis para classificar os alunos. No entanto, como veremos mais adiante, os resultados de certas formas de avaliação sumativa podem não ser utilizados para classificar os alunos.

A avaliação formativa é, num certo sentido, uma avaliação de *proximidade*, pois ela ocorre *durante* o dia a dia da sala de aula, está integrada nos processos de ensino e aprendizagem e resulta das interações que se devem estabelecer entre alunos e professores. Assim, ela está associada a formas de regulação e de autorregulação daqueles dois processos e, por isso, influencia-os de forma imediata. O seu propósito mais essencial é o de contribuir para que os alunos aprendam mais e melhor. A avaliação sumativa, por seu lado, produz informação sistematizada e sintetizada, que é registada e tornada pública, acerca do que se considerou ter sido aprendido pelos alunos. Neste sentido, pode dizer-se que é através da avaliação sumativa que as escolas tornam público o que os seus alunos sabem e são capazes de fazer num dado momento do seu percurso académico (normalmente, no final de um período ou de um ano letivo) e, por isso, um outro propósito desta modalidade de avaliação está associado à certificação. Ou seja, é com base na avaliação sumativa que se tomam decisões relativas à progressão académica dos alunos e/ou à sua certificação no final de um dado ciclo de estudos. Para sublinhar esta diferença entre a avaliação sumativa e a avaliação formativa, uma diversidade de autores, sobretudo anglo-saxónicos, utilizam as expressões *Avaliação das Aprendizagens* e *Avaliação para as Aprendizagens*, respetivamente.

É importante referir igualmente que há formas de avaliação sumativa que se aproximam muito da avaliação formativa e dos seus propósitos. Quando, por exemplo, se pretender fazer um balanço acerca das aprendizagens realizadas pelos alunos num certo momento, pode administrar-se um teste escrito e proceder à sua correção e classificação. Imagine-se que, por exemplo, as classificações ou os resultados obtidos pelos alunos nesse mesmo teste não eram utilizados para efeitos de determinar a sua classificação no final do período ou no final do ano. Se assim fosse, estava a dar-se uma utilização formativa a uma avaliação sumativa, concretizada através de um teste. Por outras palavras, as avaliações sumativas podem ser utilizadas para efeitos de atribuir



classificações aos alunos, mas também podem ser usadas para fazer pontos de situação e distribuir *feedback* de qualidade aos alunos, sem quaisquer efeitos nas suas classificações finais. Nestas condições, podemos dizer que há formas de avaliação sumativa que estão igualmente ao serviço da melhoria do ensino e das aprendizagens, aproximando-se assim, nos seus propósitos, das avaliações de natureza formativa.

Tendo em conta estas considerações, é importante que uma avaliação sumativa de qualidade nas salas de aula esteja bem articulada com os princípios, os métodos e os conteúdos da avaliação formativa. Esta ideia tem um alcance significativo, pois, se estivermos perante a prática de uma verdadeira avaliação formativa, a avaliação sumativa acaba por consistir num momento particularmente rico e devidamente ponderado de integração e de síntese da informação recolhida acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer numa variedade de situações.

O que toda esta argumentação significa é que a avaliação formativa que, por natureza, acompanha os processos de aprendizagem, pode proporcionar informação de qualidade quanto ao desenvolvimento desses mesmos processos por parte dos alunos. Quando, no decorrer de uma aula, se verifica que um aluno não sabe o que é suposto saber, a avaliação formativa está presente para o ajudar a melhorar, a vencer a dificuldade, com o seu esforço e o esforço do professor. Os resultados da avaliação formativa, nestas e noutras circunstâncias, não são mobilizados nem utilizados para classificar. Ou seja, o facto de um aluno não saber algo no decorrer de uma aula não deve ser utilizado como uma informação negativa para o balanço que se faz em termos de uma avaliação sumativa. O que, na hora do balanço, verdadeiramente interessa é saber: a) se o aluno ficou a saber; b) como é que ultrapassou as dificuldades; c) as razões que poderão ter impedido que assim acontecesse; e d) o que foi efetivamente feito pelo aluno e pelo professor para dissipar as dificuldades.

A avaliação formativa e a avaliação sumativa devem implicar processos rigorosos de recolha de informação e de comunicação com os alunos e não se podem confundir uma com a outra. Têm naturezas e propósitos distintos, ocorrem em momentos distintos e têm inserções pedagógicas distintas. Mas são, obviamente, processos complementares que podem e devem contribuir para apoiar o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.



Práticas de Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa, como se viu, deve contribuir igualmente para apoiar as aprendizagens dos alunos e o ensino dos professores. Mas, uma vez que ela está mais centrada nos resultados dos alunos, pois é sobretudo realizada após o ensino, as suas práticas não estão fortemente articuladas e muito menos integradas nos processos de ensino e aprendizagem. A avaliação sumativa não é, tal como a avaliação formativa, uma avaliação de proximidade. No entanto, as suas práticas deverão assegurar que a recolha de informação seja rigorosa e consistente com as finalidades de aprendizagem constantes no currículo. Uma das formas de assegurar o rigor da avaliação sumativa é diversificar os processos de recolha de informação.

É importante sublinhar nesta altura que a avaliação formativa e a avaliação sumativa não se distinguem através dos processos de recolha de informação ou, dito de outra forma, através dos chamados “instrumentos de avaliação”. Na verdade, todo e qualquer processo de recolha de informação ou todo e qualquer “instrumento de avaliação” pode ser utilizado quer nas práticas de avaliação sumativa quer nas práticas de avaliação formativa. O que realmente é diferente é a *utilização* que se faz dos resultados obtidos. Se os resultados forem utilizados para classificar os alunos, então estamos perante uma avaliação sumativa com propósitos classificatórios. Se, por outro lado, forem utilizados para dar *feedback* aos alunos, dando-lhes orientações que lhes permitam regular e autorregular as suas aprendizagens, então estamos perante uma avaliação sumativa sem fins classificatórios. Por natureza, as informações obtidas através das avaliações formativas não deverão ser mobilizadas para efeitos de se atribuírem classificações aos alunos e é importante refletir sobre esta questão.

Nas práticas de avaliação sumativa cujos resultados são utilizados com fins formativos (sem fins classificatórios) é importante ter em conta questões tais como:

1. A avaliação tem em conta como é que os alunos aprendem?
2. A avaliação contribui para motivar os alunos para a aprendizagem?
3. A avaliação permite que os alunos compreendam os critérios utilizados?
4. A avaliação permite que os alunos compreendam os objetivos de aprendizagem que se pretendem alcançar?
5. A avaliação proporciona *feedback* que oriente os alunos nos seus esforços de aprendizagem?
6. A avaliação permite criar condições para a utilização de diferentes dinâmicas tais como a autoavaliação e a avaliação entre pares?

Nas práticas de avaliação sumativa cujos resultados são utilizados para atribuir classificações aos alunos, é necessário definir os critérios de avaliação, de modo que seja possível, para cada um, descrever diferentes níveis de desempenho por parte dos alunos, estabelecer um padrão que permita determinar um nível aceitável de consecução de cada critério, escolher um processo de recolha de informação/um instrumento de medida que permita *medir* as aprendizagens alcançadas, e, finalmente, analisar estes resultados para poder tomar decisões.

Os *critérios de avaliação* explicitam aquilo que se deseja que aconteça, um ideal a alcançar. Se quisermos, em relação a um determinado tema (por exemplo, leitura, escrita, resolução de



problemas, propriedades dos quadriláteros), os critérios são os padrões de aprendizagem que consideramos aceitáveis em relação a esse tema e que todos os alunos deverão ter oportunidade de alcançar. Os critérios são importantes referenciais de aprendizagem que devem ser definidos durante o processo de planificação do ensino, ser transparentes e do conhecimento dos alunos. São os critérios que, no fundo, indicam aos alunos o que eles têm de aprender e saber fazer.

Nas práticas de avaliação sumativa, particularmente quando, em qualquer processo de recolha de informação, se formulam questões cujos resultados serão utilizados para atribuir classificações aos alunos, é preciso ter em conta recomendações tais como:

1. As questões devem ser consistentes com o que foi ensinado, isto é, não deverão ser formuladas questões cujo conteúdo não foi devidamente trabalhado com os alunos.
2. Relativamente a um determinado conteúdo, devem ser formuladas questões com graus diferenciados de dificuldade.
3. Deve haver uma congruência entre o nível de dificuldade das questões formuladas e o nível de dificuldade que foi abordado durante o processo de ensino.
4. Não devem ser formuladas questões que exijam dos alunos a mobilização de conhecimentos, capacidades ou procedimentos que não foram devidamente tratados nas aulas.
5. As perguntas devem ser escritas de forma muito clara, assegurando que todos os alunos compreendem o que se pretende.
6. As questões formuladas não podem ser ambíguas, ou seja, os alunos deverão compreender exatamente o que se pretende.
7. Deve poder garantir-se que o que se pergunta permite avaliar as aprendizagens que realmente se pretendem avaliar.
8. Devem ser utilizadas diferentes tipologias de perguntas (por exemplo, perguntas de escolha múltipla; perguntas de ordenação; perguntas de associação; perguntas de verdadeiro/falso; perguntas de resposta curta; perguntas de resposta longa).

Tal como se vem referindo, uma das formas utilizadas para garantir o rigor de qualquer avaliação, seja ela formativa ou sumativa, é a diversificação de processos de recolha de informação. Deste modo, ainda que algumas questões técnicas, regras e recomendações possam ser importantes para a elaboração de perguntas, é também muito importante utilizar meios diversificados para avaliar, tais como: relatórios, composições, produção de pequenos textos, apresentações, leituras dramatizadas, projetos que envolvam recolha e análise de dados, testes e elaboração de sínteses. Em qualquer dos casos, deverão igualmente ser postas em prática diferentes dinâmicas de trabalho (por exemplo, trabalho individual, trabalho em pequenos grupos, trabalho com outro colega, trabalho no grande grupo).



TAREFAS

As tarefas que se seguem dizem respeito à avaliação sumativa e às suas práticas e devem ser realizadas em pequenos grupos.

Tarefa 1.

Discuta o conceito de avaliação sumativa e indique as suas principais características.



Tarefa 2.

Discuta e apresente as principais diferenças entre a avaliação formativa e a avaliação sumativa.



Tarefa 3.

Atente na seguinte frase: “A avaliação sumativa pode ser utilizada com fins formativos, sem quaisquer efeitos na classificação dos alunos, ou com fins classificatórios, destinada a comunicar aos interessados as aprendizagens realizadas pelos alunos”. Discuta e comente o conteúdo da frase e apresente um exemplo de cada uma das situações.



Tarefa 4.

Discuta como é que, nas práticas de avaliação sumativa, se podem articular as aprendizagens essenciais, os critérios, os níveis de desempenho e outros elementos curriculares considerados relevantes (*e.g.*, Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória).



Bibliografia

- Fernandes, D. (2011). Articulação da aprendizagem, da avaliação e do ensino: Questões teóricas, práticas e metodológicas. In J. M. DeKetele & M. P. Alves (Orgs.), *Do currículo à avaliação, da avaliação ao currículo*, pp. 131-142. Porto: Porto Editora. [<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6988>]
- Fernandes, D. (2004). *Avaliação das aprendizagens: Uma agenda, muitos desafios*. Cacém: Texto Editores. [<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5509>]
- Fernandes, D., Borralho, A., Vale, I., Gaspar, A. & Dias, R. (2011). *Ensino, avaliação e participação dos alunos em contextos de experimentação e generalização do novo programa de matemática do ensino básico*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. [<http://hdl.handle.net/10451/10312>]
- Neves, A. e Ferreira, A. (2015). *Avaliar é preciso? Guia prático de avaliação para professores e formadores*. Lisboa: Guerra & Paz.
- Santos, L. (Org.) (2010). *Avaliar para aprender. Relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário*. Porto: Porto Editora.

